

# SENSIBILIDADES E MEMÓRIA: O NARRAR, O SENTIR E O ENVELHECER<sup>1</sup>

Antônio Carlos dos Santos Pereira<sup>2</sup>

## RESUMO

A partir da segunda metade do século XX, especificamente nas décadas de 1960 e 1970, a velhice ganhou expressão e legitimidade no campo das preocupações sociais do período. Entretanto, novas formas de pensar a velhice irão fazer com que aconteça uma ressignificação no processo de envelhecimento. Por um lado, a velhice está atrelada a todo um contexto histórico onde passa a fazer parte de uma segregação étnica nas sociedades em desenvolvimento. Por outro, as sociedades irão buscar meios para que as pessoas procurem, desde a sua juventude, desenvolver e adotar padrões onde retardem ou garantam uma forma de envelhecer bem. Com a passagem dos anos de 1980, as sociedades consumistas criaram espaços sociais, a gerontologia, e produtos de rejuvenescimento e lazer, incorporando aos mercados de consumo, os recém-chegados a fase da aposentadoria, denominada de “Terceira Idade”. Essa nova fase da vida resultou na criação de estereótipos em torno da velhice, em que os indivíduos da famosa Terceira Idade, são aqueles que se denominarão de “idosos” por esses estarem em ambientes que permitam a continuidade de uma vida ativa, buscando a mais ampla realização pessoal, e a continuidade de objetivos abandonados outrora. Serão atribuídas ao termo “velho”, as pessoas que já não conseguem mais participar da vida social, que sofrem com as doenças provocadas pela passagem do tempo, e em maioria dos casos, são excluídos do ambiente familiar e social por já não serem capazes de cuidar de si. Além de perceber a construção histórica destes significados para se pensar a velhice, tais como, a denominação de “terceira idade” “idosos”, este trabalho buscará através da História das Sensibilidades e do Estudo da Memória, a compreensão de como os afetos podem ser representadas pelas narrativas dos indivíduos que colaboram com o nosso trabalho, a partir da História Oral e como essas sensações podem contribuir para a formação das identidades que os indivíduos podem construir ao chegar à velhice.

**Palavras-chave:** Sensibilidades. História Oral e Memória. Velho.

## INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX, passou a ser decisivo para o velho nas classes médias das sociedades capitalistas e/ou industrializadas, inclusive no Brasil, surgindo movimentos que não só irão criar delimitadores dos espaços que devem ser ocupados pelos indivíduos nessa fase da vida, mas como também, uma nova linguagem sobre o corpo decrépito e inativo do velho passa a ser produzida, incorporada mais tarde, pelas demais camadas dessas sociedades.

A priori, a partir da segunda metade do século XIX, na França, as classes médias urbanas, começam a substituir o termo “velho” por “idoso” em seus documentos pessoais para diferenciar os indivíduos envelhecidos bem sucedidos, dos indivíduos de classes inferiores e com padrões de vida precárias. Porém, esse movimento só será adotado no Brasil a partir da década de 1960. Com isso, passa-se a produzir espaços, lazeres, alimentações, e em geral, produtos destinados aos “velhos”, agora “idosos, transformando a velhice em uma nova categoria de consumo, onde a chegada da aposentadoria, representando o envelhecimento e

---

<sup>1</sup> Trabalho vinculado ao projeto PIBIC “Sensibilidades: história de vida no tempo presente”, coordenado pela Pr<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Joedna Reis de Meneses. Cota: Agosto de 2015 à Julho de 2016.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual da Paraíba, e bolsista PIBIC pelo projeto “Sensibilidades: história de vida no tempo presente”. Cota: Ago 2015- julh 2016.

enfraquecimento biológico do corpo, será para esses idosos, a oportunidade de reverem seus valores e retomarem os anseios pessoais que um dia abandonaram ou ter os lazeres e espaços merecidos após uma vida inteira de trabalho.

Sob essa lógica, cria-se o espaço para analisar tanto a “Velhice” quanto a “Memória” a partir de dois aspectos ou movimentos nessas sociedades: um primeiro movimento é o social ou vertical, incluindo aqui os aspectos econômicos, políticos e sociais que giram em torno da velhice e a criação de espaços e mecanismos de manutenção dos corpos como também da vigilância e do “cuidado de si”, e a “Memória” como objeto fundamental para as insurgências de classes minoritárias das sociedades diante da memória coletiva estabelecida e imposta pela classe dominante, na concretização de um modo de pensar e viver dos indivíduos; e o segundo aspecto, um movimento cultural (horizontal) onde a velhice e/ou a memória estarão ligadas a um pensamento de construção das representatividades diante dos contextos históricos e das produções de discursos, frente as identidades adotadas pelos indivíduos já envelhecidos da nossa sociedade; o qual nos limitaremos em analisar nos estudo das sensibilidades na velhice, onde a mesma, estará amparada pela emergência da memória através das narrativas orais dos velhos entrevistados nos trabalhos acadêmicos das instituições e dos campos de pesquisa sobre o tema.

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DA MEMÓRIA

Em um primeiro momento, analisando a obra póstuma de Maurice Halbwachs “A Memória Coletiva” [1968] podemos perceber que o autor estuda a memória sobre dois aspectos: Em um primeiro aspecto, a memória se apresenta como um conjunto de outras memórias de grupos ou indivíduos com visões e sensações diferentes sobre um determinado evento, mas influente na construção das identidades de grupos, constituindo assim, o que ele chama de memória coletiva. Em um segundo aspecto, ele apresenta a memória dos indivíduos sobre as representações diante da lembrança de um determinado evento ao qual o memorando esteve ligado de maneira direta ou indiretamente. Essas representações irão se formar a partir das emoções e dos sentimentos, podendo ser alteradas ou influenciar outras memórias doravante do contado com outros grupos ou indivíduos que estejam ligados ao processo do lembrar.

Porém, em Halbwachs podemos identificar outro agente nessas memórias o qual as lembranças estarão ligadas, a “sensação”, ou para ser mais específico, “os sentimentos”.

Para discutir esse agente em sua especificidade ou função na memória, seja ela a memória Coletiva (que está ligada à identidade de um determinado grupo dentro de um determinado evento), ou a memória individual (que está ligado à identidade de um determinado indivíduo com o grupo ao qual pertence ou pertenceu no momento do acontecimento de um determinado evento), utilizaremos as ponderações de “Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira” (1998), para analisar esses aspectos da memória na história oral, já que a mesma nos dar base para a investigação das “subjetividades” dos acontecimentos históricos que passam a fazer parte da identidade individual de uma pessoa como também da identidade coletiva em um determinado grupo, uma vez que, para AMADO E FERREIRA (1998, p. XIV):

O uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma, [...] essa característica permite inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada a história dos excluídos.

Contudo a história oral não fornece margens para fazermos uma história linear dos fatos, muito menos dos indivíduos como mostra Paulo Salles Oliveira, “não se espere, porém, uma história linear ou mesmo a ausência de contradições entre aquilo que é narrado por estas

pessoas e os registros históricos.” (OLIVEIRA, 2008. p. 52), mas para AMADO E FERREIRA (1998, p. XXI), “as narrativas orais referem-se tanto ao passado, quanto ao presente, organizando-os e unificando-os, e ao mesmo tempo apontam para o futuro”. Isso nos dá a ideia de que nas narrativas, o passado e o presente sempre estarão em constante contiguidade, e em muitos casos, em uma conturbada relação.

No nosso caso, a história oral irá servir como ponte entre a identificação e a compreensão dos diversos conceitos das “sensibilidades”, expostos pelas narrativas dos indivíduos entrevistados nos campos disciplinares ou instituições de pesquisa sobre o assunto.

Essas narrativas se apresentam em Halbwachs como “memórias individuais” que estão ligadas às diversas “sensações” com a realidade dos fatos narrados, entre elas, “a sensação de pertencimento”. Um exemplo, Halbwachs é claro quando diz:

Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estivesse sozinho, que estivesse refletindo sozinho, pois em pensamento eu me situava neste ou naquele grupo, o que eu compunha com o arquiteto e com as pessoas a quem ele servia de intérprete junto a mim ou como pintor (e seu grupo), com o geômetra que desenhou o mapa, com um romancista. Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo”. (HALBWACHS, 2009. p. 31)

Percebemos aqui que a “sensação” que envolve a sua lembrança é de “acompanhamento coletivo”, já que para ele, as experiências que compunha a sua identidade nesse momento estava ligada a “determinados grupos” ou “pessoas”. E se essas lembranças o fizesse sentir-se só? Aqui teríamos outro agente em sua memória individual, que não seria mais a sensação de pertencimento a um determinado grupo ou indivíduo, mas sim, a “sensação de solidão”, pois em suas lembranças, ele não está conectado ou não está se identificando por pensamentos com nenhum grupo que fez ou faz parte. O mesmo acontece com os demais sentimentos ou sensações que compõem as identidades do indivíduo em contato com um determinado contexto, em um determinado grupo, em um determinado momento, o que caracteriza a “sensação de pertencimento”, “os sentimentos de amor, de raiva, alegrias, tristezas, saudades, etc.

Entretanto, nos discursos de Halbwachs, as “sensações de pertencimento” estão presentes o tempo todo. Sendo que essas sensações irão se modificar de acordo com a propriedade da memória ao qual cada lembrança está mergulhada, fazendo com que os sentimentos façam ressurgir em sua lembrança as características que compunha a sua identidade no grupo ao qual já esteve ligado.

Por sua vez, a “Memória” para Michael Pollak (1989), serve como um mecanismo de imposição de sentimentos coletivos utilizados pelas classes dominantes à sociedade com o intuito de criar uma identidade comum entre os indivíduos, atento aos interesses dessas classes. Se para Halbwachs, tanto a memória individual quanto a coletiva é um fenômeno natural expressos pelas sensações e afetos dos indivíduos e selecionados em decorrência dos contatos entre indivíduos e grupos, prevalecendo as sensações e sentimentos comuns diante dos fatos, Pollack apresenta a memória como um aparelho de luta entre as classes, as quais tentarão conquistar seus interesses através da memória. Essa dinâmica resultará no choque entre a memória oficial<sup>3</sup> ou memória dominante com as memórias subterrâneas<sup>4</sup>, onde haverá tentativas para a derrubada de símbolos que legitimam o poder e influência da primeira, pela força e união da segunda, que tentará estabelecer novos símbolos que lhes representem, em busca de revisar a memória coletiva imposta, já que:

<sup>3</sup> O que Halbwachs denomina de memória coletiva

<sup>4</sup> Memória individual ou a memória dos excluídos

Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória(...), ela remete igualmente aos riscos inerentes a essa revisão, na medida em que os dominantes não podem jamais controlar perfeitamente até onde levarão as reivindicações que se formam ao mesmo tempo em que com os tabus conservados pela memória oficial anterior. (POLLAK, 1989. p. 05)

Por um lado, podemos aferir dois movimentos distintos sobre o estudo da memória. Em Halbwachs, a memória está intrínseca nos espaços sociais, onde esse movimento acontece através dos contatos dos indivíduos com os grupos aos quais já pertenceu ou pertence. Podemos dizer que esse movimento acontece de forma horizontal, pois essas memórias não acarretarão em mudanças diretas nos diferentes setores da sociedade, onde as memórias dos indivíduos estarão representadas mais pelas sensações dessas lembranças do que simplesmente, como elas interferem nos contextos sociais.

Essas memórias individuais ou “subterrâneas”, para Pollak, estarão muitas vezes “silenciosas”, pelos indivíduos que um dia foram vítimas de um determinado evento na história, por acreditarem que essas lembranças não têm valor algum nas sociedades, e muito menos, é preciso sofrer penas por elas. Isso acontece porque “o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essas lembranças “comprometedoras”, preferem, elas também guardar silêncio” (POLLAK, 1989. p. 4). Contudo, entendemos aqui que a memória dominante impõe às demais memórias subjacentes sua superioridade e afirmação no campo social, cabendo aqui a união dessas memórias silenciadas em “disputa” com a dominante, já que “para relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta” (POLLAK, 1989. p. 4).

Portanto, Pollak, infere um movimento diferente do que expressa Halbwachs. Para Pollak, pensar a memória é pensar na reafirmação dos indivíduos em seus espaços e principalmente no meio social. A memória se apresenta aqui de maneira vertical, onde a memória coletiva é pensada pela classe dominante como um espaço de reafirmação de força de quem está no poder, e como maneira de incorporar no resto da sociedade, padrões e maneiras que devem ser adotados pelos indivíduos subjugados. Halbwachs por sua vez, denota a memória como um espaço que pertence apenas a um grupo ou indivíduo, por ela guardar expressões e sentimentos singulares dos fatos, interessando apenas aos indivíduos possuidores dessas lembranças. Porém essas lembranças não ultrapassam o limite das sensações, interferindo em nada nas relações sociais entre os indivíduos, já que para HALBWACHS (2009. p. 33):

Quando voltamos a encontrar um amigo de quem a vida nos separou, inicialmente temos de fazer algum esforço para retomar o contato com ele. Entretanto, assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representa-los para nós. Não os vemos agora como víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro. (HALBWACHS, 2009. p. 30).

Para Halbwachs, os meios sociais não sofrem uma alteração direta em suas representatividades, já que tanto os indivíduos quanto as sensações não serão mais os mesmos nos momentos de lembrar. Neste caso, as memórias ficam no campo das representatividades individuais, o que diferente disto, Pollak dirá que essas lembranças são silenciadas pelos contextos das memórias oficiais que são impostas pelos indivíduos através da cultura dominante.

Entretanto, para Pollak, a memória subterrânea ou individual é o espaço para se iniciar um movimento inverso em alternativa a dominação de uma memória coletiva específica.

## **A HISTÓRIA ORAL COMO (RE)AFIRMAÇÃO DAS MEMÓRIAS NOS CONTEXTOS SOCIAIS**

Para Pollak, uma das maneiras de quebrar com a hegemonia dessa memória dominante imposta aos indivíduos, é dar voz às lembranças desses indivíduos diante dos eventos. Mas como isso pode acontecer? Pollak apresenta a história oral como uma das maneiras de alimentar nas classes baixas o desejo de reafirmarem uma nova memória, baseada nos testemunhos dos indivíduos que tiveram papel importante no acontecimento desses eventos. Teremos aqui a oportunidade de colocar a história oral como ferramenta de lutas sociais, em detrimento da memória desses indivíduos. Pois:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral resulta a importância das memórias subterrâneas que, como integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”. (POLLAK,1989. p. 2)

Para Pollak, pensar a história oral por essa perspectiva é pensar o indivíduo com suas múltiplas identidades, já que “essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidades afetiva e/ou política” (POLLAK,1989. p. 6) onde encontrarão fortaleza e podem organizar-se em torno da busca de uma afirmação de uma nova identidade coletiva para esses grupos em oposição a memória dominante.

Nesse momento, o movimento vertical de afirmação da memória se altera. Não é mais um movimento que vem de cima para baixo, mas que começa da união das memórias excluídas e subterrâneas em direção a concretização de um nova memória para o coletivo. Em outras palavras, é a alternância do poder acontecendo ao longo da história

AMADO E FERREIRA [1996] pondera a história oral como método, onde a mesma não passa de um objeto de coletas de memórias de indivíduos diante dos fatos narrados. As abordagens na história oral não serão possível se não houver um acompanhamento teórico pré-selecionados, já que a mesma não possui seu próprio campo teórico que permita ser compreendida como disciplina. Além dessa perspectiva, a história oral como disciplina, seria utilizada para reafirmar os indivíduos na sociedade através do ato de narrar. Entretanto, a história oral, mesmo que apresente uma abertura para as diversas abordagens teóricas sobre as fontes, não possui por si só, autoridade de empreender grandes narrativas históricas que possam contextualizar as transformações da sociedade ao longo do tempo, atividade essa deixada para o uso da história oral quando exercida com a base teórica de outras disciplinas, servindo apenas como “ponte entre teoria e prática”. Com isso, essas narrativas devem ser representadas através de determinados fatores aos quais se pretende utilizar. Entretanto AMADO E FERREIRA, (1996. p. XIX), apresentam a história oral como “uma história das feridas abertas pela memória”, pois acreditam que “o autor cria uma polêmica acerca da natureza das fontes orais, afirmando, por exemplo, que elas, embora importantes, não possuem mais autoridade que qualquer outro tipo de fonte”. O mesmo pensa BOSI (1979, p. 458-459), quando diz:

Não me cabe aqui interpretar as contradições ideológicas dos sujeitos que participaram da cena pública. (...), explicar essas múltiplas combinações, (...), é tarefa reservada a nossos cientistas políticos, que já devem ter-se adestrado a esses malabarismos. O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai

misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia.

De maneira específica, Bosi apresenta a história oral como uma técnica de coletas de dados em pesquisas, cabendo ao pesquisador se amparar nos debates teóricos os quais deve estar embasado. Entretanto, o uso da história oral pelo historiador como técnica de pesquisa requer mais que simples jogo de cintura para identificar a importância da memória individual de um sujeito para a compreensão de um certo acontecimento histórico da sociedade, já que “a representação do passado que predomina na memória coletiva e individual tem uma significativa participação no governo do corpo individual e social”. (MONTENEGRO, 2013, p. 15). Neste caso, as lembranças que constituirão o processo de rememoração, estarão mergulhadas sob o aspecto da representação do passado somadas às sensações de lembranças trazidas pelo sujeito ao rememorar.

Sendo mais específico, o uso da história oral nas pesquisas sobre as “sensibilidades” na velhice<sup>5</sup> pode resultar que cada lembrança trazida pelo velho (ou o entrevistado), trará em sua narrativa, a “sensação” ou os “sentimentos”, que os envolveram no momento dos acontecimentos reais, envolvendo também o entrevistador, levando BOSI, (1979, p. 38), a afirmar que no processo da história oral “Somos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagamos, procuramos saber. Objeto enquanto ouvimos, registramos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças” (Grifos nossos); o que dificulta ainda mais o resultado da pesquisa no campo das Sensibilidades, já que, ao estudar os aspectos dos sentimentos na velhice sob as narrativas dos entrevistados irá requerer muito mais que uma simples interpretação de suas falas. O historiador terá que lidar com a identificação das diversas sensações trazidas pelas lembranças nos indivíduos principalmente, com a identificação da sensação da dor, do abandono, da partida de entes queridos e também das alegrias que o entrevistado sente/iu perante os momentos de sua vida nos fragmentos narrados, para que possamos compreender realmente qual sensação que o/a velho/a estará submetido/a nessa fase de sua vida.

Mas como a análise dessas memórias contribuem para a compreensão da velhice?

### **Memória e velhice**

Observando esses movimentos, tanto em Pollak como em Halbwachs, estamos diante de dois fatos que devem ser considerados no estudo da velhice. Primeiro fato, é que esses movimentos entre uma análise vertical e/ou horizontal não só deverão ser adotadas nos estudos das memórias, mas sim, também, da velhice. E o segundo fato é que de acordo com as perspectivas desses movimentos, a abordagem teórica e metodológica na compreensão desses objetos (memória e velhice) deverão ser especificadas. Em síntese, observar esses movimentos sobre a memória ou a velhice requer observar esses objetos em seu contexto teórico ou campo disciplinar.

Isto coloca o pesquisador do tema em um verdadeiro jogo de sinuca. Até mesmo porque, a partir da *Escola dos Annales*, primeiras décadas do século XX, especificamente com o soerguimento da história cultural, abriu-se na historiografia mundial, espaços para debater as representatividades dos corpos e as transformações das sensibilidades ao longo da história. Entretanto, novas categorias de fontes e abordagens passam a ser pensadas, inclusive a ser representadas pelo historiador cultural, não só como fornecimentos de dados sobre um determinado evento, mas como a produção de novas linguagens para compreensão das subjetividades dos tempos, dos espaços e dos corpos na história. Para PESAVENTO (2004, p. 5) “O olhar-detetive do historiador da cultura interpretará tais sinais, estabelecendo nexos e relações para tentar chegar ao tal mundo do passado onde os homens, falavam, amavam, e

---

<sup>5</sup> Objeto que analisamos no Projeto PIBIC “Sensibilidade: História de vida no tempo presente” coordenado pela Dr<sup>a</sup> Joedna Reis de Meneses, cota 2015-2016

morriam”. Em outras palavras, este nexos pode ser acessível quando se pensa na memória como um campo de existência das representações dos acontecimentos sociais ressignificados pelos indivíduos.

Se para Pollak a memória é expressada por um contexto social, onde ela é enquadrada, imposta e afirmada na sociedade para atender aos interesses dos dominantes, Halbwachs, compreende a memória como aspecto de subjetivação dos indivíduos, através dos sentimentos e dos aspectos que os envolveram em dado momento. Porém, compreender aqui esse movimento, mais detalhado é compreender, também, que a investigação sobre a velhice deve ser amparada pela mesma abordagem com que se analisa a memória em uma mesma pesquisa. Entretanto, a velhice também pode ser compreendida como uma construção social, e também como um fenômeno natural. A diferença é que dependendo da abordagem escolhida, a velhice deve ser entendida pelo contexto social ao qual ela foi construída ou está representada.

A partir da década de 1960, no Brasil, surge um movimento em torno da velhice, onde as preocupações com essa fase da vida se ligaram aos contextos econômicos e demográficos que passaram a preocupar as autoridades do período. Pois o Brasil tinha uma economia encolhendo enquanto a sua população estava envelhecendo aceleradamente. Essa abordagem em torno do envelhecimento passou a ganhar destaque nos campos disciplinares, principalmente nas duas últimas décadas do século XX, entre estudiosos da velhice como Maria Leticia Barreto (1992), Dirceu Nogueira Magalhães(1987) e Guita Grin Debert (1999), que passaram a observar o quadro da velhice por uma perspectiva política, entendendo-a como um fenômeno biológico do corpo, implicando apenas em transformações políticas e econômicas nessas sociedades. Por outro lado, passou a existir nos campos acadêmicos e de pesquisas a necessidade de uma abordagem mais sensível do velho, onde as representações sobre a velhice fossem compreendidas como uma construção social, resultado de uma política que teve por finalidade deixar para os indivíduos das sociedades a responsabilidade com seu envelhecimento e o cuidado com seu próprio corpo, e por isso se faz necessário a desconstrução e denúncia de estereótipos pejorativos que se tornaram característicos da velhice incorporados nessas sociedades.

Para FOUCAULT (2002, p. 53-58) esse movimento onde as responsabilidades das sociedades são transferidas para os seus indivíduos aparecerá como “uma intensificação das relações sociais”, surgindo assim uma cultura do cuidado de si, onde “o homem deve velar por si mesmo” e, que isso “é um princípio válido para todos, todo o tempo e o tempo todo” como forma de garantir o seu bem estar social e individual. Mas, Guita Grin Debert (1999) diz que essa “cultura do cuidado de si” pode ser compreendida na velhice, como um processo de “Reprivatização da velhice”, já que os cuidados com o envelhecimento do corpo e com o seu estado de preservação será responsabilidade unicamente do próprio indivíduo.

Contudo, passarão a ser criados nessas sociedades, mecanismos de preservação, vigilância e manutenção desses corpos, onde os mesmos deverão adotar determinados padrões ditados nessas sociedades. Uma linguagem específica também será criada, além de termos e ciências especiais para garantirem que esses indivíduos permanecerão adequados a esses padrões, penalizando, assim, os que fugirem dessa realidade social estabelecida e já consolidada.

Entretanto, o estudo das sensibilidades não será possível de ser realizada nas perspectivas demográficas sobre a velhice, por entender que essas estão sob o crivo da análise da representação das classes econômicas e políticas. Já na perspectiva mais cultural, o estudo da velhice pode ser empreendida através das sensibilidades expressas nas narrações orais. Entretanto, se faz necessário compreender aqui como a história oral contribui para a concretização desses estudos.

Em 1992, ao lançar o livro “Admirável mundo velho: Velhice, fantasia e realidade social” BARRETO (1992) diz que “Os velhos do século XXI já nasceram. Tem hoje 20, 30, 40 anos ou mais”. Ou seja, os jovens os quais ela se refere no início daquela década são hoje os velhos com idades acima de 60 e 70 anos, que colaboram com as narrativas orais em nosso projeto de iniciação científica; são os mesmos que tinham suas atividades no meio social pois, foram “operários e universitários, donas-de-casa ou empresários... ficaram noivos, casaram-se, tiveram filhos... assistiram à televisão, ouviram rádio, leram jornal... votaram, tomaram decisões políticas...”, (GRIFO NOSSO) e contribuíram com a dinâmica da sociedade<sup>6</sup>.

Entretanto, no estudo das sensibilidades na velhice, a história oral vale mais que uma simples técnica. Ela permite que os/as velhos/as ressignifiquem suas memórias através do ato do lembrar. Em outras palavras, a história oral permite que os indivíduos revejam seus valores criados através dos tempos já que “o processo biológico do envelhecimento é cercado de determinantes sociais que lhe imprimem características decisivas, peculiares a cada sociedade, a cada momento histórico (...) ou seja, a velhice e o envelhecimento são socialmente construídos”. (MAGALHÃES. 1987, p. 07.) (GRIFO NOSSO). E são essas construções históricas que irão criar estereótipos e termos pejorativos sobre a velhice, caracterizando a chegada da aposentadoria como uma fase onde os indivíduos deixam de ser úteis e ativos no seu meio social, para se tornar um peso para a sociedade e familiares.

Então, as características que poderão compor as sensações na velhice subjetivadas nas memórias de nossos entrevistados, certamente estarão ligadas ao modo de como o/a velho/a entrevistado/a viu a vida e de como ele/a espera ser o futuro. FOUCAULT (2006), diz que “deve-se viver para ser velho”, (GRIFO NOSSO) onde na velhice a sensação e experiência de ter vivido deve ser abraçada pelo velho como um lugar seguro à espera da morte. Mas, nem sempre pertencer ao grupo dos velhos, dará uma sensação de conforto, pois a velhice pode acabar desenvolvendo no indivíduo uma certa fragilidade e a incerteza de qual deverá ser o seu lugar agora na sociedade. Segundo ELIAS, (1985. p. 8):

A fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola. Podem tornar-se menos sociáveis e seus sentimentos menos calorosos, sem que se extinga sua necessidade dos outros. Isso é o mais difícil- o isolamento tácito dos velhos e dos moribundos da comunidade dos vivos, o gradual esfriamento de suas relações com pessoas a que eram afeiçoadas, a separação em relação aos seres humanos em geral, tudo que lhes dava sentido e segurança.

Os sentimentos e a valorização das memórias desses indivíduos terá uma significativa importância para a desconstrução dos estereótipos que excluem e separam os velhos “dignos” dos “não dignos” nos espaços de convívio dentro dessas sociedades contribuindo ainda mais com o isolamento desses indivíduos do meio social, a começar pelo núcleo familiar onde os indivíduos ao envelhecer perdem, consideravelmente, o seu protagonismo nesses espaços onde “muitas vezes, o velho e a velha são destituídos de seu papel de dono-dona-de-casa. Substituídos por seus filhos no comando, são despojados de coisas de suas lembranças, de seu espaço” (BARRETO, 1992. p. 30),

Neste caso, a velhice, trará ao indivíduo desafios diversos, principalmente quando terão que lhe dar com a dor da partida e/ou do abandono dos seus entes queridos, somados às perdas e experiências dolorosas dos dias pretéritos de sua vida. Em muitos casos, o que restará

---

<sup>6</sup> A citação que Barreto fala é expressa no modo verbal do tempo presente: “São operários e universitários, donas-de-casa ou empresários... ficam noivos, casam-se, têm filhos... assistem à televisão, ouvem rádio, leem jornal... votam, tomam decisões políticas...”. BARRETO (1992)

à esses velhos e velhas será a solidão como companheira na espera da morte. Em outras palavras, a velhice, para a maioria dos indivíduos que chegam a essa nova fase de suas vidas, é representada pelo contato direto com a “solidão”, onde a mesma não só será um sentimento, mas um estado ou uma maneira de “ser”, requerendo de nós, uma atenção maior para compreender as construções históricas sobre o “corpo velho” e as sensibilidades que compõem as memórias dos indivíduos nessa nova etapa da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, tomando como base as ideias de Halbwachs, ao se identificar como velho, o nosso entrevistado irá se ligar a um grupo de pessoas que se veem como ele, onde a sensação de pertencimento a um determinado grupo será a base para a formação de uma nova identidade construída através de suas sensações individuais em detrimento de suas memórias. Isso requer dizer que ao sentir a proximidade da velhice, os costumes, tradições, estilo de vida dos entrevistados novamente terão que passar por uma transformação íntima por parte dos próprios indivíduos, pois, essas transformações lhes darão condições necessárias para se adaptarem aos padrões sociais de época, sentindo-se novamente membros ativos da sociedade a qual fizeram/fazem parte.

Portanto, ao narrar o indivíduo terá a oportunidade de voltar mais uma vez as lembranças calorosas de seus dias juvenis, ou trazer para si, as boas sensações silenciadas em suas memórias, ou as sensações dolorosas que um dia macularam o seu íntimo, ligando-se novamente aos grupos que um dia fez parte, nos dando a oportunidade de não fazer uma história dos excluídos, mas a história de quem um dia viveu e contribuiu para as transformações diversas da sociedade.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. e FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.) **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998 [1996].

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARRETO, Maria Leticia Barreto. **Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social**. São Paulo: Ática, 1992.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: Socialização e processos de Reprivatização da velhice**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004 [1999].

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org). “**Apresentação**” in: \_\_\_\_\_. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998[1996], pp vii – xxv.

CHARTIER. Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

ELIAS, Nobert. **A Solidão dos Moribundos: seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001[1982].

FOUCAULT, Michel. **A Cultura de Si**. In: \_\_\_\_\_. História da sexualidade 3: O cuidado de si. 7º ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002. p. 43-74.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. 2ª Ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006 [1968].

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3ª Ed. Campinas: UNICAMP, 1994

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: SESC, 1987.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013 [1992].

OLIVEIRA, Paulo Salles. **“Memória e Sociedade”**: Ciência poética e referência de humanismo. *Psicol. USP*, São Paulo. Jan/mar. 2008, 19(1), 51-58.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, S. J. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne]*, Colloques, mis en ligne le 04 février 2005, consulté le 12 juin 2016. Disponível em <<URL: <http://nuevomundo.revues.org/229>>>, acessado em 11 de junho de 2016.

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: *Estudos Históricos* -10. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. in *Estudos Históricos* -10. Rio de Janeiro: V.2, n 3, 1989. p. 3-5.